

INÊS&NÓS: IMAGINAR E REESCREVER INÊS DE CASTRO ATÉ AO FIM DO MUNDO

Valéria Andrade
Leandro de Sousa Almeida
Marcelo Alves de Barros
Rafael Barros de Sousa

Leve-se em conta, no caso, que com essa conjugação de contrários não se dá a simples dissolução das fronteiras da “verdade histórica”, mas, mais fortemente, abandona-se esse paradigma para entrar-se num outro, de uma ordem distinta: a do mito. Assim, anula-se a velha questão de saber da verdade vivida historicamente e passa-se para o território da verdade culturalmente necessária.

Haqira Hosakabe, 1998

INTRODUÇÃO

Inspirados pela paixão amorosa a florada pela incursão no tema histórico-mítico de Inês de Castro, Rainha de Portugal, que durante mais de seis séculos vem a ser objeto de estudo para pesquisadores de diversas nacionalidades, em particular da comunidade lusófona

das áreas de Letras, Humanas e Artes, apresentamos neste capítulo a análise de um conjunto de obras literárias inspiradas no mito dos amores de Pedro Inês, criadas durante a realização da pesquisa de Mestrado de Leandro de Sousa Almeida no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB), intitulada *Inês&Nós: uma aplicação do Método LerAto na formação de Professores Leitores pela mediação do mito de Inês de Castro* (ALMEIDA, 2021), orientada pela Professora Doutora Valéria Andrade e coorientada pelo Professor Doutor Marcelo Alves de Barros. A pesquisa foi laureada com o 1º Prêmio UEPB de Dissertações Rosilda Alves Bezerra 2022, na área de “Linguística, Letras e Artes”, conferido pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba (PRPGP/UEPB).

Tratou-se de investigar os impactos da realização do jogo sério *Inês&Nós* por meio do Método LerAto (BARROS; ANDRADE, 2017) personalizado para a formação de uma *Comunidade Leitora Ativa Ubíqua* (ANDRADE, 2021) composta por Professoras(es) Leitoras(es) com apoio de um *corpus* de literatura inspirada no mito de Inês de Castro. Apresentaram-se estratégias e resultados positivos para contribuir, na perspectiva da formação leitora das(os) docentes, para a conjuntura sociocultural brasileira contemporânea concernente ao enfrentamento às deficiências nas práticas leitoras, dado que esse é um desafio no âmbito educacional brasileiro no que tange às escolas e universidades, sem esquecer, ainda, da esfera familiar. Também se apresentou a possibilidade de inclusão da discussão sobre as identidades de gênero na escola, pelo que o jogo *Inês&Nós* ainda tratou da prevenção da violência contra a mulher durante a formação leitora para que as(os) professoras(es) possam contribuir na luta em relação à equidade de gênero e os direitos humanos, especialmente das mulheres.

Em ampliação da concepção e configuração dos círculos de leitura tradicionais, essa pesquisa fundamentou-se na proposta de formação de *Comunidades Leitoras Ativas Ubíquas* desenvolvida por Valéria Andrade (2021), visto que uma de suas especificidades é a

interconectividade entre grupos de leitoras(es) ligadas(os) a uma comunidade maior – Inês&Nós. Nesta comunidade, as(os) leitoras(es) são conscientes de sua participação, e suas atuações promovem, por meio da alteridade, a transcrição de novas narrativas de vida a partir de pontes de interlocução cultural. Esta concepção de comunidade leitora ainda é justificada pela insuficiência do círculo de leitura ou da comunidade leitora tradicional à luz das demandas da contemporaneidade, em relação à necessidade cada vez mais presente de interação entre os sujeitos, em especial efetivada pelas mídias digitais

INÊS&NÓS PELA APLICAÇÃO DO MÉTODO LERATOS

A pesquisa se realizou mediante a aplicação de uma jornada online de *leituração* que compreende um ciclo de quatro oficinas, envolvendo oito professorandas – usando aqui o gênero feminino em razão de serem elas a maioria nesta experiência – em formação em uma turma da Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, matriculadas na disciplina de *Práticas de Leituras Performativas* (semestre 2020e), sob a regência da professora Doutora Valéria Andrade (UFCG/CDSA-UEPB/PPGLI) e do professor convidado Doutor Marcelo Alves de Barros (CEEI/UFCG), tendo o pesquisador Leandro de Sousa Almeida (PPGLI/UEPB) conduzido a aplicação atuando como tutor. A experiência foi vivenciada em 2020 durante o isolamento social provocado pela Pandemia da COVID-19 e veio ampliar a comunidade Inês&Nós gerada anteriormente na LECAMPO. As participantes partiram numa jornada de heroína leiautora que atua nos três palcos de leituração, isto é, na plataforma digital (sala virtual, rede social e plataforma LerAtos), no ambiente educacional (CDSA/UFCG em modo remoto – casa) e na comunidade social (família, amigos, colegas de curso), a fim de alcançar o tesouro de sua busca que seria/foi promover um impacto social em um ambiente de inovação.

Figura 1 – Modelo de Espiral de Gestão do Conhecimento pela Leitura Performática de um jogo criado com LerAtos nos 3 palcos de leitura inovadora.



Fonte: Acervo da pesquisa

Durante a partida, as participantes participaram das oficinas que compreendem o jogo: (1) *Sonhação*, (2) *Fruição*, (3) *Criação* e (4) *Doação* presentes no método LerAtos.

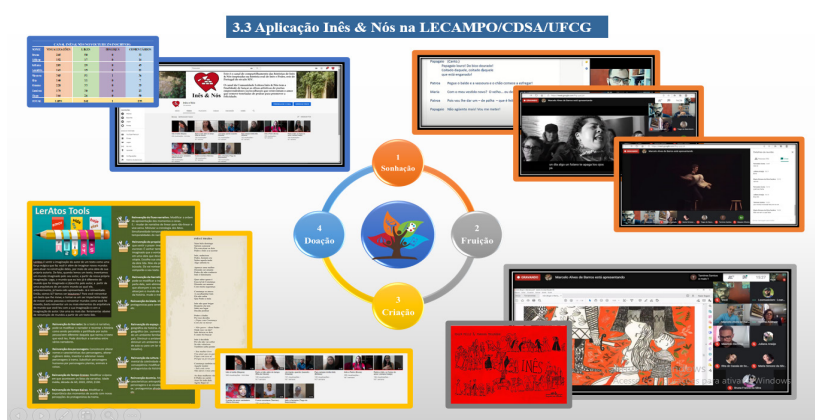
Na primeira oficina (**Sonhação**), as participantes foram estimuladas a sonhar a partir do tema referente ao *protagonismo feminino em uma jornada de heroína que enfrenta desafios quanto à quebra do mito da inferioridade da mulher e ao enfrentamento ao preconceito de gênero e barreiras na liberdade de amar*, tendo como inspiração as obras: *Murmúrios de Pedro e Inês* (MURMÚRIOS, 2019), *Maria Roupa de Palha* (RAMALHO, 2008) e *Canción sin miedo* (VIVIR QUINTANA, 2020).

Na segunda oficina (**Fruição**), as participantes fizeram diversas experimentações frutivas do texto literário, entre elas, leitura com recursos expressivos e leitura compartilhada da obra-semente *Inês* (MELLO; MASSARANI, 2015), suscitando o debate entre as

participantes sobre o enredo da história de vida e morte de Inês de Castro. Na terceira oficina (**Criação**), desenvolveram-se os processos de reinvenção da obra-semente, resultando em oito (08) obras-fruto escritas, com mais uma (01) do tutor, posteriormente transformadas em textos multimodais e performativos, denominados de *vídeo-cartas inesianas*.

Na quarta oficina (**Doação**), realizou-se a etapa de empreendedorismo sociocultural por meio de uma campanha de conquista de leitoras(es), ou mesmo de *especto leitoras(es)* (GOMES; REIS, 2017) para as performances, em formato de vídeo-cartas, como já referido, publicadas no canal do *YouTube* da comunidade Inês&Nós (Disponível em: <https://bit.ly/3OgL7X8>). A campanha gamificada durou dezessete dias, resultando no total de 1859 views, 262 likes e 253 comments.

Figura 2 – Organograma da aplicação Inês&Nós por meio do Método LerAtos.



Fonte: ALMEIDA (2021)

AS NOVAS HISTÓRIAS DE INÊS DE CASTRO: UMA ANÁLISE

Essa análise se espelha em proposições conceituais d'A *jornada da heroína* empreendida pela autora Maureen Murdok (2022), dado que há mais de trinta anos estivera empenhada em adaptar o *monomito* do herói masculino do seu interlocutor Joseph Campbell, apresentado por ele em *O herói de mil faces* (2003). Nesta obra, o mitólogo centraliza a figura do homem como protagonista de uma jornada na qual as mulheres aparecem apenas como ajudantes ou obstáculos, pois para ele as mulheres não precisam realizá-la, motivação pela qual a autora defende que as heroínas mulheres precisariam de um relato próprio de suas jornadas.

Ainda é preciso frisar que, por mais que o uso do termo *heroína* venha a suscitar críticas em decorrência do imaginário cultural de que essa busca heroica seria uma utopia, isto é, na acepção mais popular e elementar, um sonho inalcançável para as mulheres, justamente por serem pessoas comuns, Murdock (2022) tira o foco das figuras excepcionais para contemplar a experiência de vida de outras mulheres. Em outras palavras, tira o foco de personagens endeusadas – mulheres míticas – para provar que todas as mulheres – a exemplo das mulheres a quem acompanha como psicanalista – são heroínas, sendo, portanto, “divinamente ordinário” que suas histórias – algumas relatadas em sua obra – sejam capazes de honrar e contemplar as particularidades da experiência feminina e de esclarecer, desafiar e aprofundar a compreensão de suas vidas num mundo dominado por valores masculinos em que o homem é tomado como medida de todas as coisas.

As conjugações da jornada *histórica e/à/ou mítica* de Inês de Castro (ALMEIDA, 2021) são marcadas por eventos protagonizados pela realeza portuguesa, dentre os quais podemos citar: a evidente paixão amorosa de Pedro, herdeiro do trono de Portugal, por Inês desde a chegada da ama/aia ao castelo, supostamente em 1340, a quem sua então noiva D. Constança tinha por amiga e o rei por ameaça (para ele Inês seria um estratagema de Castela para ascensão da linhagem dos Castro ao trono); o assassinato de Inês de Castro

a sangue frio a 7 de Janeiro de 1355 a mando de Afonso IV, pai de Pedro, com o horror e a brutalidade de ter sido executada perante seus infantes; posteriormente ao assassinato, as guerras travadas entre pai e filho em razão do ódio e da dor de Pedro; por vingança à amada Inês, a maneira pela qual os fidalgos conselheiros são executados sob as ordens do então rei D. Pedro I, sobretudo sendo-lhes arrancados os corações – lugar onde cultivam-se sentimentos – e queimados – símbolo de destruição e purificação. Por fim, os fatos e também os acontecimentos ficcionais que representam a genuína e cruenta vingança – ou heroísmo: a declaração de Cantanhede, feita por D. Pedro em 1360, na igreja de Cantanhede, jurando o rei ter se casado com a dama galega D. Inês de Castro em Bragança; a transladação dos restos mortais de Inês do Convento de Santa Clara, em Coimbra, para o Mosteiro de Alcobaça (1362) e a cerimônia solene de coroação e beija-mão sob a pena de morte a qualquer pessoa contrária à ascensão de D. Inês de Castro *post-mortem*.

Reverberada em proporções imponentes, cujo percurso a eleva *da tumba à retumbância* (ALMEIDA, 2021), a história inesiana passou a ser assinalada pelas rubricas de vários amores: amor infinito, amor de perdição, amor trágico, amor utópico, amor que vence a morte etc. Estes vários amores, em suas diversas naturezas, são oriundos da alegoria mito-histórica de fantasiosas(os) e românticas(os) poet(is)as, visto que o arrebatado Pedro I de Portugal instalou dois túmulos no Mosteiro de Alcobaça, o seu e o de Inês, os quais, para além de ostentarem exuberante beleza e destrezas esculturais, objetivaram, segundo a lenda, aproximar os corpos dos amantes pés contra pés, os quais, após o soar das trombetas do juízo final, instante em que, ao ressuscitarem, se levantariam e olhariam um para o outro, dando continuidade infinita e eterna ao amor interrompido. Por esta razão, como é suposto, Pedro terá mandado inscrever no seu túmulo a célebre expressão *A:E:AFIN:DOMUDO* – lida pela maioria das(os) estudiosas(os) do tema como “até ao fim do mundo” –, numa espécie de diálogo secreto com Inês, em cujo túmulo fez esculpir na face posterior a figuração do Dia do Juízo Final.

A seguir, com objetivo de contar e analisar novas jornadas de Inês, apresentamos as obras-fruto inesianas da experiência em suas versões escritas e, em seguida a cada uma, leitura interpretativa e comparada, evidenciando os elementos novos relativamente à adaptação da obra-semente inesiana, isto é, *Inês* (MELLO; MASSARANI, 2015). Nesse poema publicado na forma de livro ilustrado para crianças, jovens e mediadoras(es) de leitura da comunidade lusófona, os brasileiros Roger Mello e Mariana Massarani, dando voz à narradora Beatriz – filha de Inês de Castro – ampliam o universo mítico da narrativa com liberdade poética para promover novos sentidos na experiência de imersão nas tramas desta história de amor, morte e saudade, tornando a história trágica palatável para o público infantil (ALMEIDA et al., 2020).

Assim como poetas imaginosos suplementaram o mito dos amores de Pedro e Inês em múltiplas manifestações artísticas e literárias durante mais de seis séculos, as participantes da referida experiência demonstram ser herdeiras dessa tradição, pelo que as novas histórias de Inês aqui apresentadas estão suplementando a literatura inesiana contemporânea (ALMEIDA et al., 2021). Vale ressaltar que, com essas adaptações, não se buscou solucionar a quimera da realidade do fato, mas sim, brincar com as adivinhas que constituem um processo imaginativo de apropriação do mito. Também se acredita que, decorrente da simbologia do desenterrar dos mortos, essas histórias de amor e morte carregam simbolicamente o espectro mítico imorredouro de Inês de Castro para nos ajudar a ressignificar o hoje e escrever um novo futuro pautado na equidade de gênero e na liberdade para amar.

Anote-se que as obras-fruto das leiautoras tanto dialogam com a *obras-semente* de múltiplas formas quanto delas se distanciam significativamente, pelo que puderam ressignificar a jornada mítica e heroica de Inês, acrescentando-lhes novos enredos épicos em que novos desafios são postos frente ao protagonismo feminino, como também novas personagens da história “original” são inseridas, ainda que assumindo papéis diferentes e criando novos efeitos de sentido. Perpassando, pois, as *razões de amor*, que constitui a

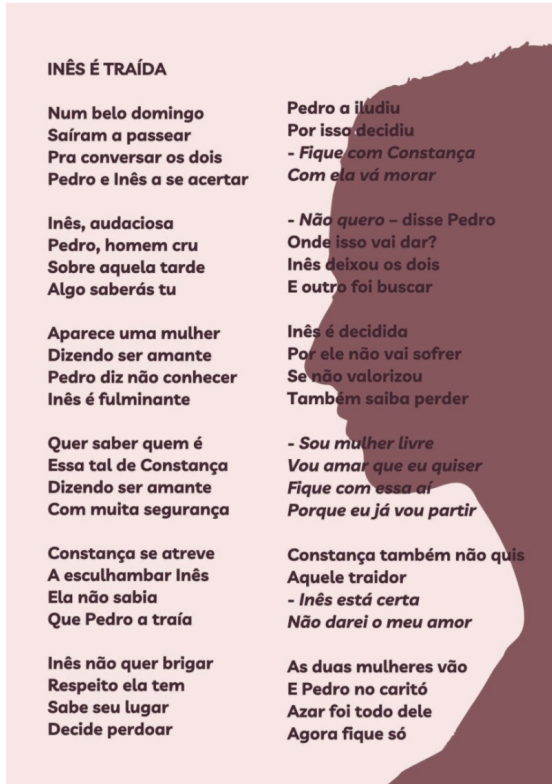
busca empreendida por Inês em sua jornada, tais obras incorporam elementos como morte, comicidade, temporalidades, preconceitos, classe social, família, ironia, espiritualidade, racialidade, etnicidade, valores socioculturais, fantasia, papéis de gênero etc. As jornadas adaptadas formalizam-se ora como poema, inclusive em versos de cordel, ora como narrativa curta, como também há algumas híbridas relativamente a esses gêneros.

As nove adaptações e suas respectivas *leiautoras* são: (1) *Inês é traída*, de Mayara Maria de Oliveira; (2) *O poder do amor verdadeiro*, de Maria Simone da Silva Santino; (3) *Pedro e Inês, os frutos do amor*, de Juliana do Nascimento Araújo; (4) *Inês e Pedro*, de Bruna França da Silva; (5) *Pedro e Inês além do tempo*, de Rita de Cássia de Souza Lopez; (6) *O amor acontece*, de Tamires dos Santos Cândido; (7) *Para sempre minha Inês*, de Edilene de Oliveira Nascimento; (8) *Inês, a faxineira*, de Tiago do Nascimento Silva (9) e *Já é tarde, querido*, do Tutor Leandro de Sousa Almeida.

A adaptação *Inês é traída* apresenta um enredo em que Pedro assume o papel mítico de Don Juan, isto é, um enganador, que conquista várias mulheres, enganando-as. Porém, sendo a Inês dessa história uma mulher audaciosa, não se permite viver na condição de traída e logo rompe seu romance com Pedro, estando livre para buscar um novo namorado. A Constança dessa história também foi enganada por Pedro e, tendo visto a atitude resiliente e empoderada de Inês, também rompe com Pedro, deixando-o sozinho.

A narrativa traz como destaque o poder decisivo das mulheres na contemporaneidade, em específico as do século XXI (caso destas reinvenções do mito) na escolha de seus pares afetivos, pois não se veem obrigadas a permanecer em uma relação amorosa desrespeitosa, nem ficar com um homem traidor e egoísta. As duas mulheres foram vítimas de Pedro e, diante disso, sabiam que brigar entre si não levaria a nada, preferindo ambas tomar atitudes que as libertassem de um relacionamento nessas condições. Além disso, a relação de Pedro e Inês já estava em decadência, pois, como é destacado no início da narrativa, saíram para passear na tentativa de conversarem sobre os dilemas e conflitos de uma relação já deteriorada.

Figura 4 – Inês é traída



Fonte: ALMEIDA (2021)

Sabe-se que a conjuntura sociocultural e os conceitos estruturais de relacionamentos amorosos vão mudando com o passar do tempo dinamicamente e, neste sentido, mais do que em outras épocas, na contemporaneidade as mulheres têm autonomia para fazer suas próprias escolhas amorosas e, havendo a possibilidade de desagrado no relacionamento, elas podem dar a última palavra, isto é, terminar a relação e não ficar subjugada à decisão masculina sobre os dois. Neste sentido, todavia, não podemos ignorar os riscos, inclusive de morte, a que mesmo mulheres do nosso tempo

continuam expostas ao exercerem este direito de escolha perante o poder e a violência do machismo.

As duas mulheres da história reconhecem o próprio valor, e se Pedro não as valorizou, reconheciam também que ele não as merecia. O relacionamento amoroso no século XXI, e já desde o anterior, pauta-se não mais pelo amor romântico, em que o amador se entrega ao outro sem reservas e até a morte, mas por aquele que Anthony Giddens (1993) define como amor confluyente em que o par amoroso, e não apenas uma de suas partes, se responsabiliza por sustentar a relação amorosa (ANDRADE, 2021). Sendo assim, essa adaptação oferece finais felizes para Inês e para Constança, já que estarem libertas daquele relacionamento fez com que pudessem se sentir ainda mais livres para amar, razão pela qual Inês logo foi buscar outro, pois já estava decidida a ser feliz ao lado de alguém que a valorizasse, inspirando Constança a fazer o mesmo.

Pedro, por sua vez, tem um final infeliz, pois achava que poderia enganar as duas mulheres impunemente, sem que elas viessem a saber da sua dupla infidelidade. Por ser tão egoísta, pensando apenas na satisfação dos seus prazeres sem levar em consideração os sentimentos das mulheres, acaba ficando sozinho. Pedro, portanto, nesta adaptação, ainda permanece sendo o cru e desolado, sendo que por consequência das suas próprias atitudes.

A adaptação *O poder do amor verdadeiro* coloca Inês na condição de mulher prometida em casamento por seu pai ao filho de um banqueiro rico chamado Constâncio. Esse modelo de casamento arranjado tem relação com a história verídica, uma vez que, no contexto das monarquias europeias do século XIV, os casamentos eram acompanhados de alianças entre reinos e nações com a estratégia de unir forças políticas e fortalecer a economia. No entanto, o arranjo dessa promessa de casamento se constitui como casamento forçado, pois uma das partes não consente com o acordo. Sabe-se que essa representação de uma determinada época e seu modelo de constituição familiar patriarcal não considerava que o casamento forçado fosse um abuso dos direitos humanos, em que se viola o princípio da liberdade e autonomia dos indivíduos. Hoje,

na maioria das sociedades, o direito da mulher à escolha de um cônjuge e de se casar por livre e espontânea vontade é garantido e considerado central para a sua vida, dignidade, e igualdade como um ser humano, mas, em épocas passadas a mulher esteve sujeita à condição de objeto a ser negociado, ou seja, de mercadoria – o que, lamentavelmente, ainda vigora em sociedades como a indiana e do continente africano.

Figura 5 – *O poder do amor verdadeiro*

O PODER DO AMOR VERDADEIRO

Certo dia, Afonso e Beatriz tiveram uma filha, a qual puseram o nome Inês. Após ter nascida, o pai prometeu a mão de sua filha para Constância, filho de um banqueiro muito rico. A mãe de Inês não concordava com a promessa de casamento, mas não podia fazer nada a respeito, pois a decisão já estava tomada por Afonso, restando-lhe ser submissa. A família sabia que predestinar Inês a casar-se com Constância era uma jogada de sorte, visto que o jovem herdaria terras e dinheiro de seu pai.

Os anos foram passando e tanto Inês quanto Constância crescem, cada um no seu lugar, sem saber ao menos da existência um do outro e nem mesmo sobre tal promessa. Passeando com seus amigos Álvaro e Pacheco em suas caminhadas diárias pelos bosques, Inês conhece Pedro. Conversa vai, conversa vem. Num certo dia, eles percebem que sentiam muito mais do que amizade um pelo outro. Era uma vez o amor.

Afonso descobriu e logo proibiu o romance da filha com Pedro, pois sabia que se tratava de um rapaz de família pobre e logo interrompe a relação. Na conversa, disseram:

- Eu proíbo esse romance! - disse Afonso.
- Meu senhor, o que sentimos um pelo outro é amor verdadeiro, e o amor é magia que vence tudo. - disse Pedro.
- Meu pai, sem o amor de Pedro não posso viver. - disse Inês.

Afonso contou-lhes sobre a promessa de casamento e, com o objetivo de impedi-los de se encontrar, trancou Inês no quarto, proibindo-a de ver a Pedro. Ao chegar o dia de oficializar o casório, o pai apresenta Inês a Constância, sendo ela obrigada a fazer sala para seu prometido marido. Triste, rapidamente ela corre para o quarto, onde deseja, do fundo do coração, morrer para não ter que casar-se com Constância. Sua dor foi tão grande que sente sua vida ir embora, esmaecendo. Inês agora é morta.

O pai, ao ver sua filha sem sinal de vida, se desespera. Recorre aos médicos e nada acontece. Depois de tantas tentativas, lembra do que Pedro falou sobre o amor por Inês. Não sabiam mais o que fazer quando Pedro, sabendo da notícia do estado de Inês, aparece em sua casa. Ela estava deitada. Pedro se desesperou. Pedro chorou. Pedro a beijou e Inês acordou.

Tendo visto a cena, Afonso e Beatriz aprenderam que o amor é a magia que vence tudo, até mesmo a morte. Arrependido, Afonso pediu perdão a Pedro e a Inês. Reconhece que o amor verdadeiro é algo que dinheiro nenhum pode comprar. Assim, quebra a promessa com o banqueiro, deixando Constância feliz, pois não gostava de Inês, estava obedecendo as ordens do pai. Assim, Inês e Pedro viveram felizes para sempre.

Fonte: ALMEIDA (2021)

Sendo assim, sabendo Afonso do romance da sua filha com um rapaz pobre chamado Pedro, proíbe-a de vê-lo, pois sabia que aquela relação poderia quebrar o acordo que o favorecia. No entanto, Inês não consegue encontrar sentido para viver com alguém de quem ela não gosta e, portanto, morre de profundo desgosto por ser impedida de amar. A adaptação traz, mais uma vez, o elemento da morte, no entanto, a protagonista não é assassinada como acontece na obra-semente, ou seja, ela é submetida a uma condição de vida em que prefere morrer, pois não vê motivação para viver na desolação, porquanto ser impedida de amar a Pedro a faz morrer. Separá-la de Pedro foi uma forma de assassinato protagonizado pelo próprio pai que, vendo as consequências do seu autoritarismo, se surpreende e sofre com a perda de sua filha.

A adaptação evidencia que o amor verdadeiro é a magia mais poderosa de todas, capaz de vencer tudo, inclusive a morte, visto que Inês é ressuscitada após receber um beijo do seu amado, Pedro. A cena fantasiosa do beijo que a acorda do sono da morte dialoga com as narrativas de contos de fadas, especialmente a Bela Adormecida, em que a protagonista fora enfeitiçada com a maldição do sono, restando-lhe ser beijada com o beijo de amor verdadeiro do seu amado. Há também o conto da Branca de Neve, a qual foi enfeitiçada pela rainha má por meio de uma maçã envenenada que a fez adormecer a ponto de ser considerada morta, mas o beijo do príncipe encantado quebra a maldição. Desse modo, a autora dessa adaptação está dialogando efetivamente com as narrativas de contos de fadas, em que o amor se constitui como a magia mais poderosa, capaz de destruir qualquer maldição. Pode, portanto, ser concebida como um conto de fadas e, como tal, consegue cativar o leitor por estar associada a uma memória afetiva da infância, em que as narrativas sempre terminam em finais felizes, por mais que a verdadeira Inês de Castro não tenha tido esse direito à felicidade e à vida.

Figura 6 – *Pedro e Inês, os frutos do amor*



Fonte: ALMEIDA (2021)

A adaptação *Pedro e Inês, os frutos do amor* apresenta uma história narrada por um beija-flor que, escondido, observava o romance de Inês e Pedro nascer e se desenvolver em meio aos campos de girassóis. O narrador, sendo um ser animal, nos leva a conceber que os amores de Pedro e Inês foram capazes de impactar a natureza com um todo, a ponto de serem contados por um ser não humano. Esse elemento ainda acrescenta a notável característica

da jogabilidade da escrita brincante e, conseqüentemente, leitura, destinada ao público infanto-juvenil, a qual é envolvente e prazerosa do início ao fim, com destaque para o encantador pássaro contador de histórias.

Desse modo, Pedro, o fazendeiro, enquanto trabalhava no campo, cantava belas melodias que encantavam a Inês e que deixam o fiel observador, o beija-flor, a suspirar. A relação amorosa acontece entre os dois e, ao apresentar Pedro a sua família, Inês se surpreende com a rejeição, pois ele não passava de um pobre homem do campo. Inês era de família bem dotada em posses de terras, diferente de Pedro, cuja pobreza e ocupação profissional como agricultor sem posses é explicitada pela narrativa.

Diante da rejeição familiar, os dois decidem fugir e, com isso, logo são agraciados com a notícia da gravidez de Inês, a qual concebe os gêmeos que receberiam os mesmos nomes de seus pais, Pedro e Inês. Diante de tão grande emoção, o coração de Pedro não suportou e logo parou, deixando Inês com seus dois filhos na condição de viúva e mãe solteira. Diante da solidão que estava sentido, ela não aguentou viver longe do seu grande amor que tão cedo partiu. Toma, portanto, a decisão de envenenar-se para dar um fim à dor da perda, a fim de encontrar-se com Pedro na eternidade, lugar para onde promete a seus filhos, por meio de um recadinho, que se encontrarão após a morte. O ato de escolher a morte e não a vida em desolação pela falta de Pedro ressignifica a narrativa inesiana original ao colocar Inês como executante de sua própria morte, a qual ganha um sentido diferente, visto que nesse novo contexto significa a possibilidade de reencontro e vida eterna com Pedro, cujo preço foi deixar seus filhos órfãos.

Portanto, essa narrativa inclui a perspectiva cristã e espiritual que cerca a narrativa histórica inesiana concernente à religião católica apostólica romana, pelo que se afirma que há uma vida eterna após a morte. Por esse motivo a narrativa histórico-mítica aponta para a iniciativa de D. Pedro na edificação dos túmulos destinados a si e a Inês, os quais, reza a lenda, foram postos pés contra pés, para que ao soar das trombetas do juízo final Pedro e Inês se levantem e

seus olhares se encontrem antes de serem transladados para viver a vida eterna juntos. Nessa adaptação, portanto, Inês é consciente de que verá Pedro na eternidade e que um dia seus filhos também estarão com eles.

A autora dessa adaptação, como é claramente perceptível, confere destaque a conflitos de classe social e aponta para as dificuldades relativas à união estável por meio do casamento entre pessoas com poderes aquisitivos em desproporção. Além disso, alimenta uma perspectiva espiritual de caráter religioso imbricada na narrativa original, isto é, a vida após a morte, a qual se torna peça chave para o epílogo da narrativa adaptada.

Figura 7 – Inês e Pedro



Fonte: ALMEIDA (2021)

A adaptação *Inês e Pedro* apresenta uma narrativa em que os principais fatos que regem a narrativa mito-histórica inesiana são relatados na forma de poema, a exemplo dos amores intensos vividos por Pedro e Inês, o assassinato da protagonista feminina por três homens e a coroação pós-morte, em cuja cerimônia Inês estava a brilhar, assim como destaca a autora a partir da sua leitura e perspectiva da história.

Essa adaptação permaneceu com o enredo principal à luz da obra-semente *Inês* (MELLO; MASSARANI, 2015), sendo que traz como elemento novo uma impressão sentimental da autora a partir da recepção da obra original, visto que destaca que esta narrativa continua a inspirar não somente ela, mas a outros muitos, pela leitura e, em especial, pela motivação de reinventar, por meio da escrita, novas narrativas inesianas. Nesse sentido, a autora evidencia sua experiência enquanto leitora da narrativa de Inês de Castro e, para além disso, como autora de um miniconto inspirado nessa história, o qual evidencia sua participação em momento anterior de desenvolvimento da comunidade Inês&Nós, por meio da qual a autora se autodeclara como escritora.

A adaptação *Pedro e Inês além do tempo* cria uma nova perspectiva mítica em que Pedro e Inês são vítimas de uma maldição lançada por Constança na vida dos três, pelo fato de ter sido traída por Pedro, a quem estava prometida em casamento. A narrativa traz como elemento novo uma Constança que esconde poderes mágicos de bruxa, cujas palavras impetram maldição sobre a vida do casal Pedro-Inês, por ela odiado. Essa maldição faz com que sejam capazes de reencarnar, deixando para o destino a tarefa de promover o encontro entre eles para que Constança esteja pronta a destruir o romance vida após vida renascido.

Figura 8 – Pedro e Inês além do tempo

PEDRO E INÊS ALÉM DO TEMPO

Por volta do século XIV, Pedro era uma vez. Sendo um jovem de família nobre, estava comprometido com a elegante Constança. Já Inês, moça de origem humilde, era uma órfã criada por freiras. Passeando pelas redondezas do convento, Pedro e Inês se conhecem e iniciam um romance, e logo a promessa de casamento com Constança é quebrada. Diante da traição, Constança revela poderes mágicos que escondia, sendo ela uma bruxa. Assim, lança uma maldição por meio da qual declara que os amantes se encontrariam eternamente, vida após vida, mas nunca ficariam juntos, pois Constança estaria lá para destruir esse amor. Ela disse:

– Iremos reencarnar, várias vidas viveremos, quando o amor nascer, estarei pra desfazer.

Com o objetivo de separá-los pela primeira vez, Constança se disfarça de freira e oferece um doce a Inês, o qual estava envenenado. Inês agora é morta. No século XXI, após seis séculos, Pedro e Inês continuam a reencarnar, sendo que agora Inês é uma empresária bem sucedida. Pedro, por sua vez, é um produtor rural. Constança, ainda decidida a separá-los, trama contra a vida de Inês novamente como tem feito há séculos. Pedro viu Inês numa ocasião em que ela estava na televisão, dando uma entrevista, despertando nele o amor que o acordou da maldição e o fez lembrar das vidas passadas. Estava decidido a encontrá-la, pois sabia que no momento em que se vissem ela também acordaria da maldição. Estando sempre acordada da maldição, Constança mais uma vez tenta matar Inês, aproveitando o momento em que estava saindo da empresa. No mesmo instante Pedro também chega e logo os três se cruzam. Os três estão acordados frente a frente. Inês, diante daquela situação, tinha um plano, o qual desde a Idade Média vinha aperfeiçoando. Inês se cansou de lutar contra Constança por vários séculos. Com o passar dos seis séculos, adquiriu conhecimentos e aperfeiçoou-se como uma mulher poderosa e cheia de encantos. Assim, Inês declara com suas palavras mágicas:

– Tudo pode mudar, maldição vai acabar, uma vida só teremos, depois dela morreremos.

As palavras de Inês são mais fortes. A reencarnação acabou. Inês declarou que ela estava livre para amar a Pedro e que nenhum obstáculo do passado poderia impedi-los. Constança perde seu domínio sobre a vida dos dois, pois sabia que só a magia poderia derrotar a magia. Sendo Inês possuidora de tão poderosa magia, Constança foge com medo. Agora, já é tempo, Pedro e Inês são livres para se amar e por uma única vida.

Fonte: ALMEIDA (2021)

A narrativa evidencia o protagonismo feminino das duas personagens que lutam por seis séculos pelo amor de Pedro, pelo que Inês se cansa de ser assassinada a fim de não poder amar plenamente. Sendo assim, com o passar das muitas vidas, Inês percebe que só a magia poderia vencer a magia e resolve aprender e aperfeiçoar habilidades mágicas de bruxa, razão pela qual lança uma nova

magia contrária à de Constança, fazendo com que retornem a ser mortais por uma única vida. Assim, essa adaptação evidenciou o poder especial que a palavra tem e o seu impacto na vida de quem ouve, sendo que essas mesmas palavras carregavam um poder capaz de mudar a natureza humana e espiritual das personagens.

A cólera de Constança a leva por caminhos tortuosos, sendo capaz de dedicar todas suas encarnações a destruir o amor de Pedro e Inês por causa da traição de que fora vítima. Pedro, mesmo sendo o protagonista da traição, continua sendo alvo de desejo das duas mulheres. Inês não suporta ser acordada da maldição para morrer logo em seguida por vários séculos e, decidida, recorre à magia com a qual sofreu em todas as suas vidas, na esperança de dar um fim ao encanto da sua rival.

Essa adaptação evidencia o sofrimento decorrente do amor, pois amar pressupõe também tomar decisões dolorosas, mesmo que acabe afetando outras pessoas. Inês, em seu feitiço, abre mão de viver eternamente sofrendo por Pedro para viver apenas uma vida plenamente com ele. No entanto, para alcançar tal êxito, precisou colocar-se na condição de aprendiz, durante os seis séculos aperfeiçoando-se como mulher cujas palavras carregariam a magia de quebrar os encantos tortuosos da sua rival, reestabelecendo a ordem natural da vida, a qual pretendia viver ao lado de Pedro.

O protagonismo feminino nessa adaptação afugenta qualquer feito épico de Pedro, não fosse pelo fato de que tudo começou por obra de seus caprichos e galanteios por envolver-se com as duas. A narrativa aponta para um final feliz para Pedro e Inês que já não precisam temer os encantos de Constança, pois Inês possui poderes mágicos mais poderosos.

Figura 9 – *O amor acontece*

O AMOR ACONTECE

Havia um Coronel chamado Dinis que protegia excessivamente sua filha Beatriz, a impedindo de sair. Certo dia sua filha conseguiu fugir e foi caminhar nos campos da fazenda. Estando a passear, encontrou-se com Afonso, por quem se encantou e logo iniciam um romance. Passaram a se encontrar escondidos de todos, mas não demorou muito para serem descobertos. O coronel, sabendo do romance de Afonso com sua filha, expulsa o rapaz e o proíbe de ver Beatriz.

Agora é tarde, Beatriz estava grávida. Quando seu pai soube da notícia, ficou enfurecido. Então, ordenou aos seus capangas Álvaro, Coelho e Pacheco que, assim que a criança nascesse, fosse assassinada. Beatriz, sabendo por meio de uma empregada sobre o delito que estava para acontecer, pediu para que colocasse a criança em um cesto para ser lançado ao rio Mondego, pois acreditava ser a única chance de salvar a criança. Assim a emprega o fez.

Estando a lavar roupas à beira do rio, Constança encontra a criança. Sua irmã Aldonça a mandou devolver a criança ao rio, pois certamente poderia ser um mal presságio. Não acreditando nessas coisas, Constança resolve cuidar da criança e lhe dá o nome de Pedro. Aldonça não concordava e, por isso, tratava a Pedro com indiferença. O garoto encontrado no rio foi crescendo e logo se tornou um jovem e forte rapaz. Ainda sem saber sobre sua origem, Pedro se encanta com a beleza da sua prima Inês, filha de Aldonça. Quando descobre o que os dois sentiam um pelo o outro, Aldonça proíbe a Pedro de visitar Inês, pois eram primos e, sendo assim, não poderiam se apaixonar.

Com o passar dos anos, estando já morto o coronel Dinis, Beatriz e Afonso iniciam uma busca pelo filho lançado ao rio. Aldonça, estando a trabalhar na casa de Beatriz, descobre toda a história e revela para sua patroa onde seu filho estava. Beatriz e Constança se encontram e, sendo ambas mães de Pedro, criam um vínculo familiar muito forte. As duas revelam a Pedro o segredo da sua origem. Sabendo de tudo, Pedro só pensou em uma coisa, Inês. Não havia mais nada que pudesse impedi-los de se amar. Assim, foi buscar o amor da sua vida.

Fonte: ALMEIDA (2021)

A adaptação *O amor acontece* se inicia apresentando a relação familiar complexa que Beatriz tem com o pai, o Coronel Diniz, visto ser ele superprotetor e ciumento, deixando-a trancada para não ser alvo dos olhares masculinos. Diante do romance de Beatriz com Afonso às escondidas, o coronel o expulsa e proíbe qualquer relação entre eles. Todavia, Beatriz engravida e, nessas circunstâncias,

seu pai dispõe-se a atentar contra a vida do próprio neto, restando para ela a solução à la Moisés: pedir a uma empregada para salvar a vida da criança, colocando-a dentro de um cesto a ser jogado no Rio Mondego. Certamente, a criança é encontrada por Constança às margens do rio e passa a ser chamada de Pedro, sendo criada por Constança como se fosse seu filho, mesmo contra a vontade de sua irmã Aldonça, a qual curiosamente é mãe de Inês. Diante desse parentesco, os jovens Pedro e Inês se veem diante da dificuldade de se relacionarem amorosamente, visto que tal prática é reprimida. A narrativa traz em seu epílogo o retorno do protagonismo de Beatriz, visto que, diante da morte de seu pai, estava livre de sua influência para iniciar a busca pelo seu filho. Essa busca chega aos ouvidos de Aldonça enquanto trabalhava na casa de Beatriz e Afonso e, sendo assim, toda a verdade é descoberta, e Pedro e Inês terminam juntos.

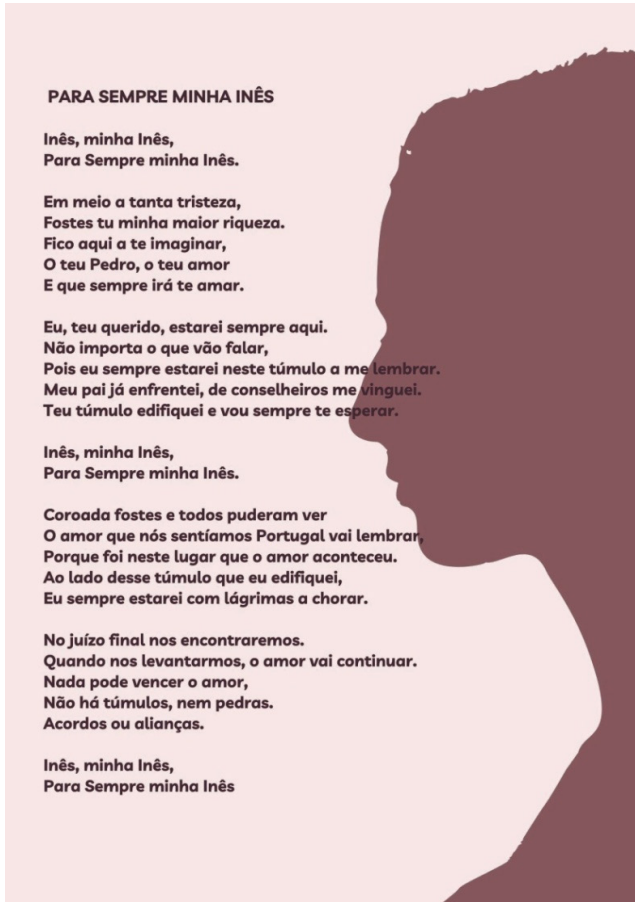
A autora da adaptação joga com os nomes das personagens da história original, inclusive inserindo outras que não estão na obra-semente *Inês* (MELLO; MASSARANI, 2015), mas fazem parte da trama histórica do medievo português. Neste sentido, o coronel Diniz da adaptação foi usado como ressignificação do personagem histórico D. Diniz, o rei trovador, que viveu entre os anos de 1261 a 1325, pai de D. Afonso IV de Portugal e, conseqüentemente, avô de D. Pedro I de Portugal. Por sua vez, as personagens Afonso e Beatriz, assim como na narrativa adaptada, são os pais de Pedro. O rei D. Afonso IV viveu entre os anos de 1291 a 1357 e a rainha D. Beatriz viveu entre os anos de 1242 a 1303. Por conseguinte, as personagens Álvaro, Coelho e Pacheco também fizeram parte da narrativa histórica, sendo eles fidalgos conselheiros reais da corte portuguesa do então rei D. Afonso IV, executantes do assassinato de Inês de Castro. Na adaptação, portanto, os três conselheiros assumem os papéis de capangas assassinos sob as ordens do Coronel Diniz. A personagem Aldonça, inserida na adaptação, também está fazendo referência ao nome da mãe de D. Inês de Castro, chamada Aldonça Lourenço de Valadares, pelo que na adaptação ambas recebem o mesmo parentesco. Por fim, a personagem Constança inserida na

adaptação também faz referência a D. Constança Manuel, esposa de D. Pedro I de Portugal, mas que na adaptação assume o papel de mãe adotiva de Pedro.

Essa adaptação ressignifica os papéis das personagens originais, colocando-as em diferentes situações para criar novos efeitos de sentido, principalmente para as(os) leitoras(es) que já conhece a história de Inês de Castro. Também é importante ressaltar que a adaptação evidencia muito mais as tramas e conflitos familiares que são antecedentes ao romance de Pedro e Inês do que o próprio relacionamento entre ambos, porquanto esse mesmo relacionamento estava diretamente ligado ao esclarecimento da origem de Pedro e o seu não parentesco com Inês. Não por acaso, a adaptação aponta para o não parentesco como possibilidade de terem um relacionamento, enquanto na história original Pedro e Inês eram primos de 2º grau, e mesmo assim tiveram um relacionamento.

Pode-se dizer que as personagens principais dessa adaptação são Beatriz e Afonso, os quais se veem no desafio de lutar contra a tirania do coronel Dinis e, além disso, de encontrar o filho que não puderam criar por estar jurado de morte. Assim, Pedro é o fruto do grande amor dos seus pais – amor que se replicaria no seu encontro com Inês, como fruto incontornável do destino de uma linhagem amorosa, pela qual os dois se unem por laços de amor não menos imponente. Enfim, a narrativa termina com o começo, isto é, o começo do romance entre Pedro e Inês, pois, de fato, o leitor é levado a criar em sua imaginação uma vida amorosa para o casal, a qual a narrativa não evidencia, cabendo às(aos) leitoras(es) sonhar com essa possibilidade.

Figura 10 – Para sempre minha Inês

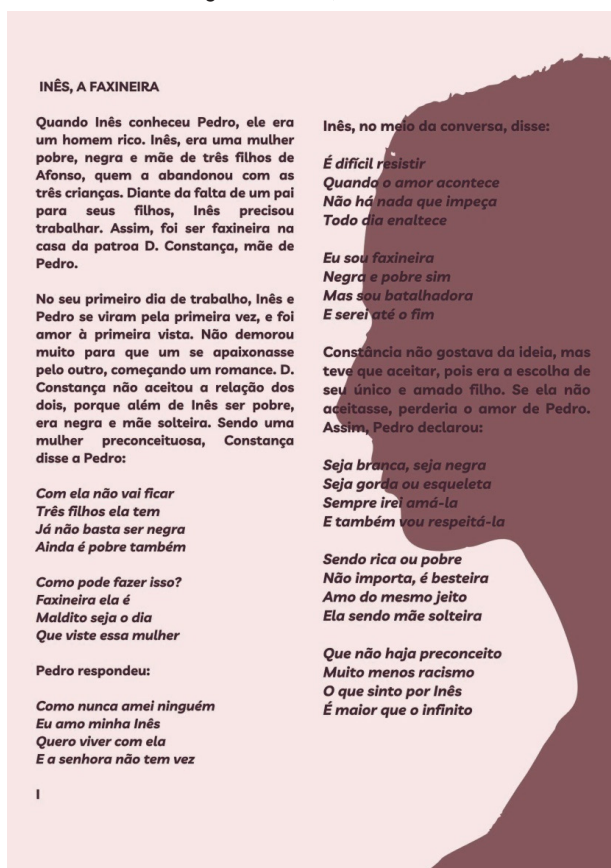


Fonte: ALMEIDA (2021)

A adaptação *Para sempre minha Inês* faz um registro cênico de um provável momento de tristeza em que Pedro se encontra ao lado do túmulo de Inês, chorando sua morte, cuja desolação o faz divagar em seu relato sobre tamanhas façanhas realizadas em nome do amor, a exemplo do enfrentamento do pai D. Afonso, a vingança dos conselheiros, a edificação do túmulo de Inês e sua coroação pós-morte.

A narrativa evidencia, ainda, a promessa de Pedro em estar todos os dias de sua vida ao lado do túmulo de Inês, até que a morte chegue para ele. Pedro declara palavras de cunho religioso, em que o juízo final da narrativa bíblica é apresentado como o dia do seu encontro com Inês, pelo que essa consciência escatológica relacionada à sua religião católica dá-lhe esperança de continuar a amá-la para sempre na eternidade, porquanto afirma que não há túmulos, nem pedras, acordos ou alianças que possam separá-los.

Figura 11 – Inês, a faxineira



Fonte: ALMEIDA (2021)

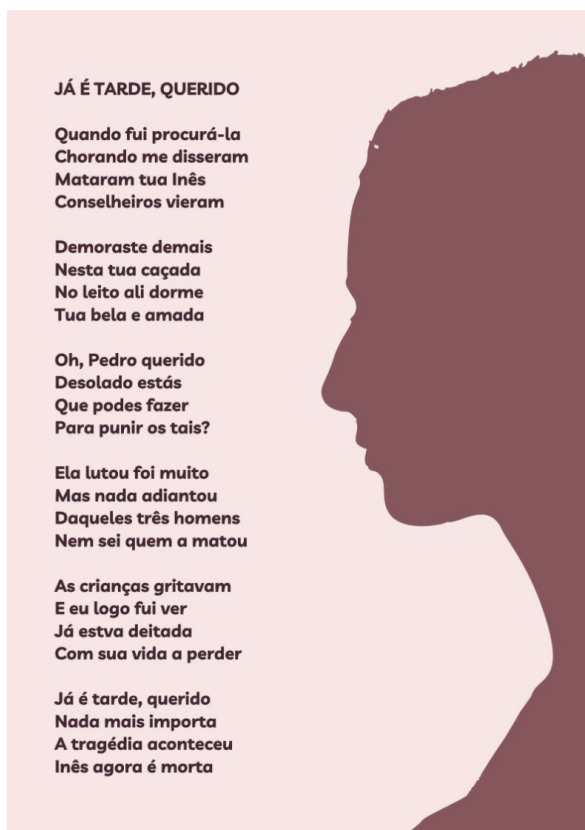
A adaptação *Inês, a faxineira* coloca Inês nos papéis simultâneos de faxineira, negra, pobre e mãe-solteira, a qual é alvo de preconceito de Constança, mulher rica e fenotipicamente branca, sua patroa e mãe de Pedro. As diferentes conjunturas sociofamiliares das respectivas personagens apontam para desafios no relacionamento amoroso entre pessoas de raça e classe social diferentes. Não aceitando a relação entre seu filho Pedro e a faxineira Inês, Constança passa a humilhar com palavras sua empregada na tentativa de mostrar que os dois não podem ficar juntos por serem “diferentes”. Provavelmente Pedro e Constança são de família rica, isto é, a presença de Inês na casa deles devia-se ao relacionamento entre empregada e empregadora, com especial destaque para o fato de que esta adaptação critica o clichê de que empregadas(os) domésticas(os) geralmente são negras(os).

Além disso, Constança torna explícito seu preconceito por Inês, expondo para os dois que Pedro não pode se relacionar com uma mulher nas condições de Inês, por ser ele, provavelmente, branco, rico e solteiro, ou seja, deveria se relacionar com uma mulher branca, rica e solteira compatível com seu estilo de vida e lugar social, segundo sua perspectiva preconceituosa. No entanto, Pedro quebra com esses paradigmas e preconceitos, ao colocar seu amor por Inês à frente das diferenças de raça, classe social ou conjuntura familiar e, portanto, confrontar sua própria mãe com o poder decisivo de escolher ficar com Inês.

Esse enredo carrega nuances do patriarcalismo eurocêntrico, isto é, do homem branco que discrimina e estigmatiza o outro por ser negro. Neste caso o estigma está incorporado na personagem feminina, ou seja, Constança, pois ela é a antagonista que representa um entrave na relação interracial (e intercultural) de Pedro com Inês. Além disso, essa adaptação estabelece um conflito entre mulheres, pois Constança se sente ameaçada por Inês ao ver que seus encantos estavam conseguindo fazer com que ela perdesse o domínio sobre a vida do seu filho. Inês, desse modo, representa uma quebra no vínculo possessivo da mãe com o filho, pelo que só restou a Constança submeter-se à decisão do filho em ficar com Inês.

O preconceito de Constança relativo às diferentes conjunturas socioculturais de Pedro e Inês foi rompido pelo poder do amor que sentiam um pelo outro, capaz de remover toneladas de preconceitos e estigmas impregnados na consciência coletiva de uma sociedade elitista baseada em privilégios de classe e alianças sociopolíticas por meio de casamentos arranjados, bem como capitalista e racista representada na figura da dona de casa que humilha pessoas de condição social inferior à sua e dita condições de relacionamento amoroso a quem tem sob seu domínio.

Figura 12 – *Já é tarde, querido*



Fonte: ALMEIDA (2021)

Assim como na adaptação anterior, *Já é tarde, querido* também faz um registro cênico de um momento de tristeza, sendo que agora de um provável encontro de Pedro com as freiras que cuidavam de Inês, estando ela a morar no Mosteiro de Santa Clara, principalmente estando sob os cuidados de sua dama de companhia, residente no convento supostamente como noviça, Teresa Lourenço.

Uma delas, provavelmente a referida, dá a trágica notícia a Pedro, o qual na condição de narrador dá voz às palavras da freira que foi testemunha ocular de momentos da morte. O relato da noviça evidencia os acontecimentos, tais como a ida dos conselheiros para matar Inês, estando ela diante dos filhos que, portanto, presenciam o assassinato da mãe, a qual agora se encontra no leito a dormir o sono da morte. Essa narrativa permanece fiel ao enredo da história original, mas acrescenta dados que não estão contidos na obra-semente *Inês* (MELLO; MASSARANI, 2015), o que denota que a obra está dialogando com outras narrativas suplementares da literatura inesiana.

A obra ainda deixa transparecer que Pedro também tem culpa na morte de Inês, pelo fato de ter se demorado em sua caçada, razão pela qual ela esteve desprotegida, sabendo ele que seu relacionamento não era aceito pelo rei D. Afonso IV, o qual já respirava ameaças contra “a Castro” – maneira como D. Afonso IV se referia a Inês, fazendo saber sua desconfiança em relação aos membros dessa família.

Por fim, a adaptação imprime um tom puramente trágico, de modo que Pedro já não pode fazer nada, isto é, “já é tarde, querido [...] Inês agora é morta”. Sendo assim, o provérbio popular inesiano que, nesta recriação do episódio, nasce nesse momento das palavras de uma freira, reforça que não há mais solução alguma para o caso, pois o querido Pedro escolheu caçar, e agora sem sua amada vai ficar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reinvenções de Inês de Castro produzidas no âmbito da referida aplicação Inês&Nós, além de terem revelado a eficiência do processo de formação das participantes como *leiautoras*, também ampliaram o repertório literário inspirado em Inês de Castro na contemporaneidade. Registramos, neste sentido, que as nove adaptações foram destinadas à publicação, passando a integrar a coletânea *Inês&Nós: Trinta e Uma Novas Histórias de Inês de Castro* (ANDRADE et al., 2022), publicada pela EDUEPB com apoio do PPGLI/UEPB. Essas histórias debutantes como obras literárias publicadas em coletânea, portanto, suplementam o mito no século XXI, dialogando com temas atuais relativos a grandes desafios culturais e sociais modernos.

Assim, como se observou na seção dedicada à exposição das obras-fruto inesianas, foram incorporadas questões problemáticas de extrema relevância a pensar a partir da leitura, tais como (des) igualdade de gênero, preconceito contra a mulher negra, condição de submissão involuntária e opressiva à figura feminina, deslegitimação das escolhas amorosas das mulheres, desrespeito e humilhação à mulher na condição de mãe solteira, estigma ao arranjo familiar em que a mulher é a única provedora da família, entre outros temas atuais que podem ser extraídos. São temas que problematizam a conjuntura sociocultural contemporânea relativa à condição humana das mulheres, frente a novas verdades culturalmente necessárias (HOSAKABE, 1998) imbricadas como estratégia de promover impacto social. Desse modo, as novas obras inesianas aqui apresentadas, para além do que representam intrinsecamente para suas autoras e para seu potencial público leitor, podem ser perspectivadas como histórias-pontes que possam viabilizar travessias necessárias – e mesmo urgentes – no sentido de sensibilização e conscientização voltadas a comunidades escolares, familiares e outras, relativamente a mulheres em seus papéis heroicos como protagonistas de jornadas de luta pela vida e pelo amor. É neste sentido que, com bell hooks (2021), defendemos a urgência de se

repactuar o amor, a fim de que este seja mais do que um sentimento e se torne uma ação capaz de transformar as relações interpessoais, através da construção de uma ética amorosa, capazes de edificar uma sociedade verdadeiramente igualitária, fundamentada na justiça e no compromisso com o bem-estar coletivo. A utopia realizável desta repactuação amorosa há de passar por estas histórias-pontes que, esperamos, contribuam para encurtar distâncias rumo ao prazer da leitura literária, em particular a inesiana, sobretudo nos espaços da escola, em que alunas/os, e também professoras/es, possam se descobrir como pessoas *leiautoras*, movidas – quem sabe, *até ao fim do mundo* – pelo exercício imaginativo de reescrever Inês de Castro, reconstruindo “o percurso inesiano por caminhos de si” (ANDRADE, 2021, p. 4).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leandro de Sousa; ANDRADE, Valéria; BARROS, Marcelo Alves de. A imaginação na constituição do mito dos amores de D. Pedro e D. Inês de Castro. In: CASTRO, Paula Almeida de. (Org.). **Educação como (re)Existência: mudanças, conscientização e conhecimentos**. E-Book VII CONEDU, Vol. 2. Campina Grande: Realize, 2021, p. 250-268. Disponível em: <https://bit.ly/3NgOprX>. Acessado em 04.06.2022.

ALMEIDA, Leandro de Sousa. **Inês&Nós: uma aplicação do Método LerAto na formação de Professores Leitores pela mediação do mito de Inês de Castro**. 2021. 220 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande - PB, 2021. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/3749>. Acessado em 05.06.2022.

ALMEIDA, Leandro de Sousa; ANDRADE, Valéria; BARROS, Marcelo Alves de. **Texto, imagem e projeto gráfico na obra Inês, de Roger Mello e Mariana Massarani**: por uma adaptação do mito português de Inês de Castro para crianças brasileiras. SOCIOPÓÉTICA, [S.

l.], v. 1, n. 22, p. 24-36, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3u2KmJb>. Acessado em 04.06.2021.

ANDRADE, Valéria. **Inês&Nós: ler e dizer o amor de Pedro e Inês no século XXI em salas de aula de Portugal e do Brasil**: relatório final de pesquisa de pós-doutoramento (2018-2019) – 2019. Porto: Biblioteca Digital da Faculdade de Letras/Universidade do Porto, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3tCYiZW>. Acessado em 17.06.2022.

ANDRADE, Valéria; FERREIRA, Lurdes; NEVES, Manuel; BARROS, Marcelo; ALMEIDA, Leandro; BARROS, Rafael (Orgs.). **Inês&Nós: Trinta e Uma Novas Histórias de Inês de Castro**. Campina Grande: EDUEPB, 2022. Disponível em: <https://abrir.link/47r3Z>. Acessado em 26/12/2022.

BARROS, Marcelo Alves de; ANDRADE, Valéria. **LerAtos: Jogos Sérios de Leitura Performática em Realidade Alternada para engajar Populações e Escolas em Desafios Sociais**. In: ALVES, Lourdes Kaminski; MIRANDA, Célia Arns de (Org.). **Teatro e Ensino (I) – Estratégias de Leitura do Texto Dramático**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. p.107- 127.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2003.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: EDUNESP, 1993.

GOMES, André Luís. REIS, Maria da Glória Magalhães dos. **Quartas Dramáticas: uma experiência com a encenação da leitura**. In: ALVES, Lourdes Kaminski; MIRANDA, Célia Arns de (Orgs.). **Teatro e Ensino (I) – Estratégias de Leitura do Texto Dramático**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. p. 41 -55.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

HOSAKABE, Haqira. A pátria de Inês de Castro. In: IANNONE, Carlos A; GOBI, Márcia V. Z; JUNQUEIRA, Renata S (Orgs.). **Sobre as Naus da Iniciação**: estudos portugueses de Literatura e História. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 105-117.

MELLO, Roger. **Inês**. Ilustração de Mariana Massarani. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2015.

MURDOCK, MAUREEN. **A jornada da heroína**: a busca da mulher para se reconectar com o feminino, Prefácio de Sandra Trabucco Valenzuela. Rio de Janeiro: Sextante, 2022.

MURMÚRIOS de Pedro e Inês. [s.l.: s.n.], 2019. 1 vídeo (01m22s). Publicado pelo canal **Dança em Diálogos**. Disponível em: <https://bit.ly/3OlzZbs>. Acessado em 19.08.2020.

RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. Maria Roupa de palha. In: **_. Maria Roupa de palha e outros textos para crianças**. Organização e Introdução: Valéria Andrade e Ana Cristina Marinho Lúcio. Campina Grande: Bagagem, 2008.

VIVIR QUINTANA – Canción sin miedo ft. El Palomar. [s.l.: s.n.], 2020. 1 vídeo (03m48s). Publicado pelo canal **Vivir Quintana**. Disponível em: <https://bit.ly/3uohtHF>. Acessado em 19.08.2020.